

BRASIL RECEBEU MENOS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS

IED AJUDA A MANTER A BALANÇA DE PAGAMENTOS SUPERAVITÁRIA E POTENCIALIZA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS



O Brasil recebeu US\$ 63 bilhões em Investimento Estrangeiro Direto (IED) no ano passado. São recursos que vieram do exterior para aportes diversos, como construção de fábricas, investimentos em infraestrutura, empréstimos internos feitos por multinacionais e aquisições de empresas. O IED brasileiro caiu 3,9% em relação a 2012, seguindo uma tendência registrada entre os países da América do Sul. No Chile e no Paraguai, por exemplo, as quedas foram de 33% e de 32%, respectivamente. Apesar

da queda no IED brasileiro em 2013, o valor foi bem superior ao de anos anteriores. Entre 2000 e 2006, o País recebeu, em média, US\$ 20 bilhões em IED por ano.

O IED tem grande importância para a economia brasileira, pois ajuda a manter a balança de pagamentos superavitária. Além disso, traz uma injeção de capital ao País, que potencializa oportunidades para o desenvolvimento de negócios. Dadas as dimensões continentais do Brasil, ele oferece ótimas perspectivas de mercado. Soma-se

a isso a evolução da classe C, que representa atualmente mais de 54% da população e tem um poder de consumo superior a R\$ 1,17 trilhão.

Para este ano, a expectativa é que o Brasil receba entre US\$ 57,7 bilhões e US\$ 60 bilhões em IED, segundo projeções do Banco Central. A estimativa de queda reflete os temores de que o País possa perder o grau de investimento obtido em agências de classificação de risco. Para 2015, a previsão segue mantida em US\$ 60 bilhões. [S]

pág. 02 GESTÃO

Cresce o número de franquias no Brasil



pág. 03 ECONOMIA

Cenário incerto exige cautela



pág. 04 INVESTIMENTO

Renda fixa continua como melhor opção



FRANQUIA É BOA OPÇÃO PARA NEGÓCIO PRÓPRIO

PARA QUE O EMPREENDEDOR TENHA SUCESSO, O PRIMEIRO PASSO É IDENTIFICAR-SE COM A MARCA



No Brasil, entre os diversos segmentos de negócios em que os empresários podem investir, destaca-se cada vez mais o mercado de franquias, que tem apresentado resultados positivos e bem superiores ao desempenho do País.

Após um crescimento de 16,2% em 2012, o setor registrou aumento de 11,9% no ano passado, alcançando R\$ 115 bilhões em faturamento, segundo dados da Associação Brasileira de Franchising (ABF). Apesar da desaceleração no ritmo de expansão, convém lembrar que os números estão muito acima do Produto Interno Bruto (PIB), que cresceu 1% e 2,3% em 2012 e 2013, respectivamente.

O balanço da ABF mostra que o Brasil encerrou dezembro com 2.703 redes de franquias e 114.409 unidades em operação. O crescimento em marcas e em unidades foi de 11,4% e de 9,4%. Só em 2013, 277 novas franquias surgiram no mercado brasileiro.

A franquia é uma boa opção para quem quer montar um negócio e não deseja começar do zero, pois normalmente envolve uma marca já estabelecida no mercado. Mas isso não é garantia de que o negócio trará resultados imediatos. O empreende-

dor deve ficar atento às tendências de mercado e considerar algumas dicas para não errar na escolha do empreendimento.

PERFIL DO NEGÓCIO

Para que o empreendedor tenha sucesso ao contratar uma franquia, o primeiro passo é identificar o seu perfil de negócio. Como existem várias marcas, procure um negócio que se adeque ao seu perfil.

DEDICAÇÃO

Outro fator de extrema importância é a dedicação que o empreendedor deve ter ao negócio. Comprar uma franquia não significa lucro certo. É necessário muito cuidado com o empreendimento, pois ele envolve riscos e, muitas vezes, exige respostas imediatas para que possa trazer resultados.

ADEQUAÇÃO DO SONHO AO ORÇAMENTO

Procure adequar o sonho do negócio próprio ao orçamento disponível, caso contrário, a empresa poderá vir a ter problemas de caixa. O empreendedor deve ficar atento aos números e começar com uma franquia pequena, compatível com o capital dispo-

nível para investimento. Se não estiver certo dos valores, contrate um profissional que possa orientá-lo sobre finanças.

MARCA RENOMADA

A marca é um dos fatores que impulsiona o sucesso do negócio. Contudo, ao comprar uma franquia de marca renomada, engana-se quem pensa que a dificuldade será menor, pois não basta abrir a loja para que os clientes venham em grande volume. Dedicção e empenho são fatores necessários para o sucesso de qualquer negócio. Além disso, é preciso se identificar com o empreendimento e ter prazer em fazer parte dele.

O setor de franquias pode ser uma excelente oportunidade para quem quer montar seu negócio. Por isso, os empreendedores que desejarem entrar nesse ramo devem comparar os modelos de franquias, conhecer bem o segmento, procurar saber como a marca trata os franqueados e como ela é vista pelos consumidores. Assim, aumentam as chances de resultados mais satisfatórios e dentro de uma estratégia de negócio melhor estruturada. [S]

CENÁRIO INCERTO DERRUBA ÍNDICES DE CONFIANÇA

VARIÁVEIS INTERNAS E EXTERNAS IMPÕEM CAUTELA E SUGEREM OBSERVAR O QUE ACONTECE COM AS ECONOMIAS DE UCRÂNIA, CHINA E EUA



Há consenso entre especialistas que 2014 será um ano de incertezas na economia brasileira e, conseqüentemente, no comércio varejista. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pela FecomercioSP, caiu 3,5% entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, ao passar de 136,6 pontos para 131,7 pontos, segundo pior resultado da série histórica (o pior foi em maio de 2009, quando caiu a 128,9 pontos) e uma queda de 17,9% em relação a janeiro de 2013. Apesar da recuperação verificada em fevereiro (136,4 pontos), o ICC ainda está abaixo da média dos últimos 13 meses, que é de 143,1 pontos.

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio registrou queda de 6% em fevereiro em relação ao mês anterior, mostrando que não há percepção de aumento significativo do consumo nos próximos meses. A divulgação dos resultados do Produto Interno Bruto (PIB) de 2013, que foi de 2,3% – a menor taxa nos últimos dez anos –, também mostra que o modelo de crescimento baseado no consumo interno pode estar perto do limite.

BARREIRAS INTERNAS AO CRESCIMENTO

O consumo interno brasileiro é condição imprescindível, mas não suficiente sobre a qual a economia nacional pode basear suas estratégias de crescimento. Assim, os investimentos e as exportações terão papel

fundamental na composição do PIB, e isso depende do ambiente interno de negócios e da produtividade nacional.

Apesar do crescimento de 6,3% nos investimentos em 2013, sua participação no PIB (18,4%) ainda é baixa. Os investimentos em infraestrutura promovidos pelo modelo de concessões geram efeitos multiplicadores sobre a economia e bons resultados devem ser observados nos próximos dois anos.

RISCOS E OPORTUNIDADES EXTERNAS

É difícil prever o comportamento de exportações e importações, já que o cenário externo também é incerto. Assim, é preciso estar atento a três cenários:

1. Os desdobramentos dos conflitos na Ucrânia, que podem contaminar o cenário econômico de curto prazo;
2. O desempenho da economia americana (por ser a maior alavanca de crescimento do mundo nos curto e longo prazos);
3. As especulações divulgadas recentemente em torno de uma possível crise bancária na China, pelos efeitos que ela pode ter sobre a desaceleração do crescimento chinês no curto prazo.

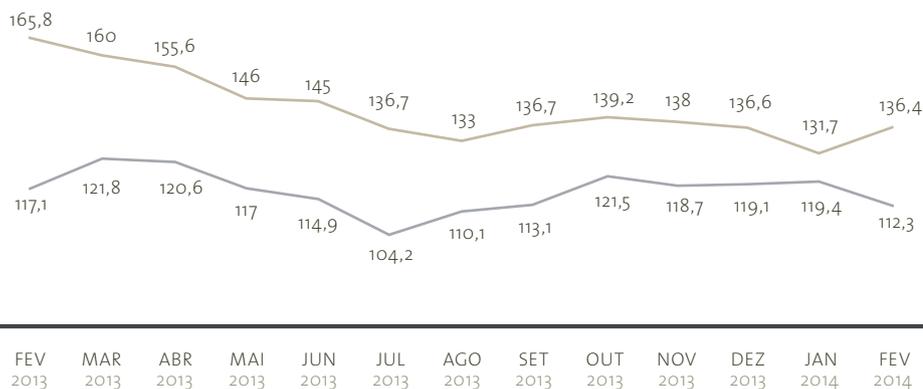
Ucrânia: é um dos principais produtores de trigo e milho. A instabilidade interna do país influenciou o aumento nos preços dessas duas commodities no mercado internacional nas últimas semanas.

Estados Unidos: apesar do inverno rigoroso que afetou diretamente as atividades industriais e varejistas, a economia americana mostra reação e o cenário é otimista. Os pedidos de seguro-desemprego atingiram o menor nível em três meses, enquanto os gastos com turismo, com geração de empregos e com produtividade aumentaram. A recuperação da economia americana tem dois efeitos contraditórios: é positiva por se tratar da maior economia do mundo e um importante parceiro comercial do Brasil. Porém, uma elevação na taxa de juros americana é cada vez mais provável, com conseqüente “enxugamento” da liquidez internacional, justamente em um momento em que o Brasil apresenta elevados deficit em conta corrente.

China: outro fenômeno a ser observado é a substituição do saturado modelo de crescimento chinês baseado em exportações e investimentos maciços (que atingiram mais de 50% do PIB), alavancados em grande medida pelo crédito concedido por bancos estatais. A percepção de que os investimentos feitos podem não trazer os rendimentos previstos aumentou o temor em relação ao sistema bancário chinês, já que há a possibilidade do não pagamento dos empréstimos concedidos. O intenso crescimento de um sistema bancário paralelo, gerador de crédito ruim e pouco regulado pelas autoridades, também é preocupante e pode gerar instabilidade na economia chinesa.

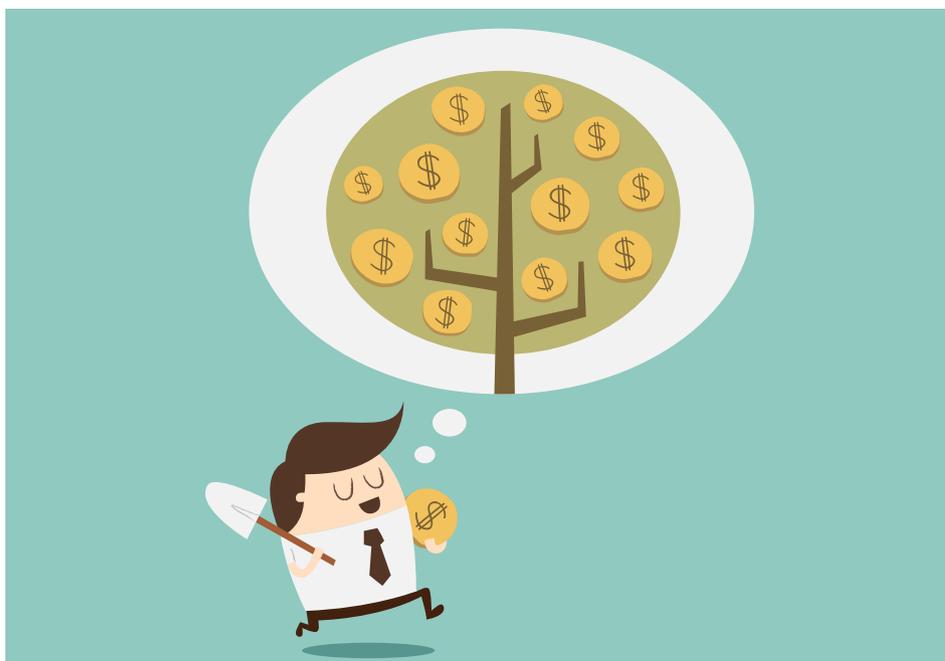
Conclusão: enquanto o Banco Central do Brasil projeta um crescimento do PIB em consonância com o ano passado, o mercado segue reduzindo suas projeções, de 1,90% para 1,68%, conforme revelou o Relatório Focus. Mesmo com a Selic seguindo uma trajetória de alta de 3,5 pontos percentuais desde abril do ano passado, a inflação resiste. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 0,69% em fevereiro, acumulando alta de 5,68% nos últimos 12 meses, bem acima da meta de 4,5%. A expectativa do mercado é que a inflação seja de 6% em 2014 e de 5,7% em 2015. [E]

ÍNDICES DE CONFIANÇA



CENÁRIO PERMANECE FAVORÁVEL À RENDA FIXA

PARA NÃO PERDER DINHEIRO, INVESTIDOR NÃO DEVE OPTAR PELO RESGATE ANTES DO VENCIMENTO



A especulação sobre uma provável nova alta de juros acabou se confirmando, como já alertávamos na última edição do **Economix**. Até o fechamento desta edição, a Selic estava em 10,75% ao ano, e a tendência é atingir algo próximo a 11,5% até o fim de 2014. Com isso, as aplicações em renda fixa se tornam cada dia mais interessantes.

Vale ressaltar, no entanto, que muitas aplicações são lastreadas em títulos públicos ou privados e vinculadas à Selic. Assim, à medida que as taxas de juros sobem, o valor dos títulos cai. Para que o aplicador não perca dinheiro, é necessário que ele não resgate as aplicações antes do vencimento. As perdas são pequenas, mas reduzem o retorno esperado das aplicações e pouca gente entende que, mesmo sendo renda fixa, o valor dos papéis pode cair antes do vencimento.

O fenômeno expõe ainda mais uma das regras para os investidores: sangue-frio.

No calor dos momentos mais agudos, é comum investidores e até pequenos poupadores se desfazerem dos papéis a preços menores do que pagaram (a chamada “realização de prejuízo”) por excesso de nervosismo e desconhecimento do mercado. Um exemplo típico desse comportamento pouco racional é o mercado de câmbio (o mercado de ações não foge muito disso): toda vez que o dólar começa a subir, muitas pessoas compram a moeda americana. Quando a moeda americana começa a cair, muitas pessoas (as mesmas, em muitos casos) vendem dólares. Transportando esse comportamento para o lado real da economia, ele fica ainda mais estranho: nos mercados de bens, o empresário procura comprar quando o produ-

to está em baixa e vender quando está em alta. Calma e disciplina valem tanto para aplicações em Bolsa quanto para os investimentos em renda fixa. A diferença é que, na renda fixa, o prazo máximo de espera até a recuperação está definido e é conhecido do investidor. No caso de ações, não é possível determinar quando haverá recuperação.

Com tudo isso em mente, não há como indicar apostas em ações de empresas listadas no Brasil. Infelizmente, o clima externo é hostil para o País e, mesmo internamente, já ocorreu uma perda relevante de confiança.

De março de 2013 até março de 2014, o Ibovespa perdeu 22,7%. No mesmo período, os títulos de renda fixa DI, vinculados à Selic, renderam 8,8%, e a tendência é que o retorno supere 11% no acumulado deste ano. Neste momento, não há indicação de que a situação possa se reverter positivamente no curto prazo, o que intensifica a aposta em renda fixa, aumenta o conservadorismo e deve resultar em uma taxa de crescimento do PIB muito baixa.

A situação caminha no sentido inverso, pois já há sinais de que o cenário não só se deteriorou como a crise de confiança e credibilidade está começando a fazer as primeiras vítimas: as taxas de emprego estão desacelerando e as expectativas para o PIB do primeiro trimestre de 2014 são ruins.

Diante desse quadro, não é possível apostar em alternativas de curto e médio prazos que não seja a renda fixa. O problema é que ela tem sido a melhor opção de aplicação de curto prazo há tanto tempo que, a rigor, é a melhor aplicação em curto, médio e longo prazos desde o Plano Real. Segundo especialistas, aplicar em ações é uma atitude para longo prazo. O problema é que esse longo prazo está se tornando infinito. [s]